:BLOCO DE NOTAS

Alexandra Prado Coelho

OS EUA VÃO SER DOIS PAÍSES?

«Irão os Estados Unidos continuar a ser um país com uma única língua nacional e uma cultura de base anglo-protestante?». A pergunta-desafio é lançada por Samuel P. Huntington, o autor da teoria do choque de civilizações, num artigo publicado no último número da *Foreign Policy*. Desta vez, a tese defendida por Huntington é a de que «a entrada persistente de imigrantes hispânicos ameaça dividir os EUA em dois povos, duas culturas e duas línguas». Apesar de a América se ter formado como um país de imigração, recebendo pessoas de todos os pontos do mundo, o caso dos mexicanos «e outros latinos» é particular porque estes «não se integraram na cultura mainstream dos EUA, formando antes os seus próprios enclaves linguísticos e políticos [...] e rejeitando os valores anglo-protestantes que construíram o sonho americano». Huntington – que sublinha a ideia de que os valores culturais americanos e mexicanos são muito diferentes – avisa que é um risco os EUA ignorarem este fenómeno e que, se isso acontecer, vão surpreender-se. «A transformação dos EUA num país assim [com dois povos, duas culturas e duas línguas] não é necessariamente o fim do mundo; será, no entanto, o fim da América tal como a conhecemos há mais de três séculos. Os americanos não deviam deixar que essa mudança aconteça a menos que estejam convencidos de que essa nova nação seria melhor».

OS RISCOS DO *STATU QUO* NA SÉRVIA

A situação na Sérvia é má. Um relatório do final de Março do *International Crisis Group* não deixa margem para dúvidas: «Nas suas políticas, a Sérvia parece cada vez mais a era Milosevic sem Milosevic». O documento enumera os sinais, que foram surgindo recentemente, de que «há mais problemas no horizonte»: a forma como o país reagiu ao catastrófico quase-colapso de meados de Março da missão da ONU no Kosovo, o bom resultado dos ultranacionalistas nas legislativas de Dezembro e as dificuldades que se seguiram para que os partidos democráticos conseguissem formar um governo minoritário, que depende para a sua sobrevivência do antigo partido de Milosevic. O que a organização aconselha é que a comunidade internacional deixe de considerar que a Sérvia é um factor de estabilidade regional e que «use menos a 'cenoura' da integração europeia, e mais o 'pau' da ajuda económica sob condições».

UM PRESIDENTE XIITA PARA O IRAQUE

«O Candidato» – é assim que Jon Lee Anderson chama no seu texto na *New Yorker* a Abdulaziz al-Hakim, o líder do Conselho Supremo para a Revolução Islâmica no Iraque (CSRII), irmão do ayatollah Muhammad Bakr al-Hakim, assassinado num atentado em Agosto passado. E chama-lhe assim porque, na sua opinião, «se se vier a realizar algum tipo de eleições este ano no Iraque, ele tem boas hipóteses de vir a ser o próximo Presidente do país». Anderson traça um retrato de Abdulaziz al-Hakim e da sua poderosa organização/milícia, as brigadas Badr, e conta como estas estão presentes em todas as grandes cidades do Sul do Iraque, garantindo, na prática, o funcionamento de muitas coisas básicas do quotidiano e a segurança, tal como o CSRII actua como mediador em pequenas disputas e faz o trabalho que as forças da coligação não conseguem porque não conhecem a sociedade iraquiana. O próprio Hakim explicou a Anderson que «alguns dos americanos têm uma imagem dos iraquianos que não é realista, e não compreendem o comportamento social e cultural do povo do Iraque». O CSRII e as brigadas Badr, o seu braço militar, são «o maior e melhor organizado grupo xiita no país» e souberam aproveitar o vazio político que se seguiu à invasão. O principal obstáculo às ambições de Hakim seria o facto de se tratar de um xiita, mas Anderson acredita que «a maioria dos xiitas e sunitas estão unidos na sua antipatia face à presença de tropas estrangeiras no seu solo, e é este sentimento, que transcende lealdades étnicas e religiosas, que poderia tornar possível que um Governo essencialmente xiita mantivesse a paz no Iraque».

A CULTURA DA VIOLÊNCIA NA INDONÉSIA

Os linchamentos populares estão a generalizar-se na Indonésia, alerta um artigo da revista *The World Today*. Graham Brown, o autor do texto, considera que «na origem desta perturbadora onda de destruição está uma desilusão quase universal com o aparelho de segurança» e relaciona este sentimento com a queda do regime da Nova Ordem do antigo ditador Suharto, em 1998. Uma das principais preocupações dos indonésios é «o falhanço crónico da polícia para resolver crimes relativamente menores que afectam as comunidades locais». Isto cria uma sensação de vazio de segurança que leva muita gente a «virar-se para os seus próprios recursos para se proteger a si e às suas comunidades». Este fenómeno é tanto mais grave quanto surge numa sociedade onde, segundo Brown, «a violência é uma forma endémica de mobilização política», e onde todos os grandes partidos têm organizações paramilitares.